

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

DARLIANE SILVA MARTINS MOTA

A LITERATURA LITERÁRIA NA EJA

CASTELO DO PIAUÍ
2024

DARLIANE SILVA MARTINS MOTA

A LITERATURA LITERÁRIA NA EJA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Heráclito Júlio
Carvalho dos Santos

CASTELO DO PIAUÍ
2024
DARLIANE SILVA MARTINS MOTA

A LITERATURA LITERÁRIA NA EJA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Heráclito Júlio
Carvalho dos Santos

Aprovada em: ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Prof. Me. Heráclito Júlio Carvalho dos Santos
– NEAD/UESPI – Presidente

Prof. Me. NATHANRILDO FRANCISCO DA CRUZ COSTA – NEAD/UESPI
Primeiro Examinador

Prof. Esp. MARCOS PAULO DE SOUSA ARAÚJO – NEAD/UESPI
Segundo Examinador

M9171 Mota, Darliane Silva Martins.

Literatura literária na EJA / Darliane Silva Martins Mota. -
2024.
35f.

Monografia (graduação) - Universidade Aberta do Brasil - UAB,
Núcleo de Educação à Distância - NEAD, da Universidade Estadual do
Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras Português, Castelo do Piauí-
PI, 2024.

"Orientador: Prof. Me. Heráclito Júlio Carvalho dos Santos".

1. leitura Literária. 2. Educação de Jovens e Adulto. 3.
Prática Docente. I. Santos, Heráclito Júlio Carvalho dos . II.
Título.

CDD 469

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
GRASIELLY MUNIZ OLIVEIRA (Bibliotecário) CRB-3^a/1067

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados , durante todos os meus anos de estudos.

Ao meu esposo Gleiton e meus filhos , Tina Alice e José Emanuel, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores da UESPI, na modalidade EaD, que compartilharam comigo os saberes necessários para a formação de excelência exigida na área de Letras Português.

Ao meu orientador, prof Me. Heráclito Júlio Carvalho dos Santos.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Aos meus amigos, grandes incentivadores deste percurso acadêmico.

E por fim, à literatura, que faz parte da minha vida através dos livros.

Minha energia é o desafio,
minha motivação é o impossível,
e é por isso que eu preciso
ser, à força e a esmo, inabalável.

Augusto Branco

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender o espaço da leitura literária como possibilidade de contribuições na formação social e reflexões nos processos de ensino e aprendizagem da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, documental e qualitativo. Assim, propusemos analisar a perspectiva de uma turma da EJA através da aplicação de um questionário na Escola Estadual de Ensino Sebastião Alves dos Reis, situada em Assunção do Piauí/ PI. Dessa forma, percebemos os aspectos teórico-metodológico, a percepção dos educandos sobre a leitura literária e as práticas docentes. Para fundamentar utilizamos alguns teóricos, dentre eles: Ferrarezi e Carvalho (2017); Rouxel (2013) e Calaça (2016). Podemos refletir que o ensino de literatura ainda continua sendo desarticulado da prática de leitura literária e quando se trata da EJA encontramos muitas resistências seja pela escola ou pela prática dos(as) docentes. Mas diante disso, percebemos através da subjetividade de alguns educandos que a importância da leitura é essencial para a formação social. As respostas obtidas dos(as) educandos(as) demonstram que o espaço de leitura literária é uma prática possível na modalidade EJA, compreendendo através das vivências e especificidades a importância do processo de leitura de forma significativa.

Palavras-chave: Leitura Literária Educação de Jovens e Adulto Prática Docente.

ABSTRACT

This work aims to understand the space of literary reading as a possibility of contributions to social formation and reflections on the teaching and learning processes of Youth and Adult Education. This research is bibliographic, documentary and qualitative in nature. Thus, we proposed to analyze the perspective of an EJA class through the application of a questionnaire at the Sebastião Alves dos Reis State School of Education, located in Assunção do Piauí/PI. In this way, we understand the theoretical-methodological aspects, the students' perception of literary reading and teaching practices. To support this, we used some theorists, including: Ferrarezi and Carvalho (2017); Rouxel (2013) and Calaça (2016). We can reflect that the teaching of literature still continues to be disjointed from the practice of literary reading and when it comes to EJA we find a lot of resistance, whether from the school or from the practice of teachers. But given this, we realize through the subjectivity of some students that the importance of reading is essential for social formation. The responses obtained from the students demonstrate that the literary reading space is a possible practice in the EJA modality, understanding through experiences and specificities the importance of the reading process in a meaningful way.

Keywords: Literary Reading Youth and Adult Education Teaching Practice

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2 - CONCEPÇÕES DE LITERATURA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS..	11
2.1. Conceito de literatura.....	15
2.2. Conceito de EJA.....	18
3. A literatura literária na EJA.....	22
3.1 Projetos e experiências na EJA.....	28
4. METODOLOGIA.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6. REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho monográfico pesquisou o ensino da Literatura brasileira expondo estratégias e abordagens utilizadas pelos/as professores/as do ensino médio da Educação de Jovens e adultos (EJA), na escola estadual Sebastião Alves dos Reis. A opção pela temática se deu devido a sua importância para o fortalecimento identitário, para a promoção da autoestima, para a apropriação de conceitos e saberes universais pelos/as alunos/as e pela sua potente capacidade de transformação humana e social.

De acordo com a literatura surge como uma necessidade humana fundamental provida de dimensão social e civilizatória; alcando-a como pertencente ao rol dos direitos humanos. A literatura amplia o nosso universo, e incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo, permitindo que cada ser responda melhor a sua vocação de ser humano.

A escrita da narrativa deste trabalho provém do diálogo com os/as professores do curso de Letras, nas disciplinas voltadas às teorias literárias, estreitando a confluência entre a teoria e prática, considerando o estágio cumprido na escola supracitada. Foi utilizado instrumento de coleta de dados deste momento para poder investigar de que forma o ensino de literatura é aperfeiçoado na sala de aula. E de que maneira eu poderia direcionar esta pesquisa para produções de materiais que pudessem auxiliar na (minha) prática docente.

Em relação ao aporte metodológico, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para apurar quais as obras e metodologias tratavam do ensino de literatura literária no Brasil, do letramento literário e dos processos de aprendizagens que perpassam o ensino do tema.

A escola é um importante espaço para o desenvolvimento do letramento como prática social de leitura e escrita. O termo letramento indica uma gama de práticas sociais no âmbito da cultura escrita nas quais os sujeitos podem se engajar. Portanto podemos falar em diversos tipos de letramento e dentre eles o letramento literário.

Os livros trabalhados serão sobre fábulas, que foi escolhida devido à proximidade da moral da história com a realidade, para, assim, levar a uma reflexão

sobre a vida real e como ela é tratada no mundo imaginário. – é o estado ou condição de quem faz usos da literatura – supõe um processo que pode se iniciar antes de se saber ler e escrever. Nas histórias, nos provérbios, nos ditos populares, nas adivinhas, nas parlendas, entre outros textos ficcionais e poéticos da oralidade, por meio de muitas vozes que não se restringem àquelas do universo familiar mais próximo. Na escola, com o aprendizado da leitura e da escrita, os impressos – livros, jornais, revistas e as telas como portadores de textos literários passam a fazer parte desse processo de letramento, dando mais autonomia ao leitor. Ele passa a escolher o que quer ler, a indicar livros de que gostou.

Dentro da escola, consideramos a biblioteca um espaço significativo para as práticas de leitura e preocupa quanto educadores a inserção dos alunos neste espaço, seja escolar ou não e a dar continuidade as experiências literárias dos mesmos.

Para a consecução desta pesquisa, recorreu-se para composição do corpus teórico autores como Eiterer (2009), Cândido (2004), Tzvetan Todorov (2009), entre outros. Magda Soares percebe este espaço ainda não acessível à maioria dos leitores, a democracia cultural ainda não alcançada afirmando que “Este é um país de raras e precárias bibliotecas: raras e precárias bibliotecas públicas, raras e precárias bibliotecas escolares”. (Soares, 2004).

Buscamos nas leituras que constituem esse referencial, entendermos e refletirmos sobre os termos, as discussões, os questionamentos e as possibilidades do trabalho com os textos literários nos ambientes escolares, visando à construção de uma proposta de intervenção que assuma o desafio de que é preciso e necessário considerar o letramento literário numa perspectiva de democratização social, proporcionando aos sujeitos educandos da EJA à oportunidade de ampliação das suas leituras através do resgate de espaços e convivência com os textos literários, acreditando, que esta convivência os conduzirá a uma formação intelectual e estética a que todo cidadão tem direito, para que possa então, fazer livremente as suas escolhas.

2 CONCEPÇÕES DE LITERATURA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os povos primitivos contavam histórias para ensinar, divertir e, mais tarde, a escrita surge para perpetuar o que antes era apenas falado. Zilberman (2001), ao fazer um resgate da história da escrita, mostra que a oralidade foi a primeira manifestação da necessidade de comunicação realizada pelo ser humano. Por meio da escrita e da comunicação, foi possível desenvolver ao longo dos anos a literatura. A literatura proporciona o ponto de encontro entre gerações e possibilita uma sintonia com a contemporaneidade. Assim como em outras manifestações artísticas, a literatura é o registro concreto da percepção que o indivíduo ou grupo tem da realidade, das vivências e da história que o circunda. Num aspecto mais amplo, a literatura não se restringe apenas ao texto, ela designa toda criação cultural.

Segundo Zilberman (2002) a leitura provoca em cada indivíduo reações diversas e permite, a um mesmo leitor, dependendo do momento vivido, incontáveis sugestões pessoais e inusitadas, entretanto ela obedece invariavelmente a um mesmo percurso: o afastamento do cotidiano e o retorno a ele, estando o leitor de posse de uma nova experiência existencial.

Por meio dos textos literários, o indivíduo pode conhecer melhor seus sentimentos e a sociedade e este é um bem a que todos têm direito. Conhecendo-se, o sujeito consegue tomar posição face aos acontecimentos. A literatura lhe possibilita uma consciência da realidade que o circunda, permite-lhe reconhecer-se como ser participante, histórico e atuante num grupo social, suscita-lhe ponderação.

Antônio Cândido (1995) entende que a humanização é um processo que possibilita ao homem a reflexão, o conhecimento, o respeito ao próximo, a percepção das emoções. Capacitando-o a penetrar nos problemas da vida e a reconhecer a complexidade do mundo. O texto literário é, então, um poderoso meio para o leitor desenvolver sua parcela de humanidade, uma vez que abre caminhos e o coloca como cidadão no mundo em que está inserido. A leitura lhe possibilita relacionar situações, contrapor fatos, manter um diálogo interno e elaborar suas próprias ideias. O texto literário passa a constituir cenários com os quais ele pode refletir sobre o que é, sobre o que os outros são e como pode alterar o seu entorno.

É direito do indivíduo que a educação seja fornecida desde as idades iniciais. Entretanto, algumas situações podem interferir em sua vida, causando um retardamento nas épocas ou idades educacionais. Quando surgem obstáculos ou empecilhos para o ser humano permanecer em um ambiente escolar, o abandono parece ser a única alternativa. Porém, atualmente, os estudos ou a aquisição de conhecimentos científicos tornam-se necessários quando há uma expectativa de mudança de estado social e pessoal. Reconstruir a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é uma tarefa necessária para se possibilitar um melhor entendimento de sua organização atual.

O censo realizado no Brasil em 1920 constatou que 72% da população adulta era analfabeta. De acordo com Haddad e Di Pierro, a despeito de naquele ano surgirem movimentos em prol do aumento de escolas e da melhoria na educação, ainda não havia preocupação com políticas educacionais que atendessem às especificidades da Educação para jovens e adultos. Foi a partir de 1930 que a EJA (Educação de Jovens e Adultos) começou a delimitar seu lugar na história da educação brasileira. Na década seguinte, com a ampliação da educação elementar, esta modalidade de ensino tomou forma da Campanha Nacional de Massa, e este modelo ainda persiste no século XXI (BUSS, 2011).

Em 1934, o Plano Nacional de Educação de responsabilidade da União previsto na Constituição incluía entre suas normas a educação integral gratuita e de frequência obrigatória, estendendo-se a jovens e adultos. A EJA pela primeira vez era reconhecida e recebia um tratamento particular (DI PIERRO & HADDAD, 2000).

Somente ao final dos anos de 1940, a educação de adultos veio se firmar como um problema nacional e surgiram movimentos que incorporavam valores cívicos e disciplinares à proposta educacional nacional e eram descentralizados, procurando dar uma resposta à constatação de que 56% da população adulta era composta de não alfabetizados. Outra característica desse período foi a incorporação do discurso higienista às práticas educacionais, sendo o analfabetismo considerado, assim como outras características da sociedade empobrecida, um mal que deveria ser extirpado da população. O importante era diminuir o impacto que a constatação dos altos índices de analfabetismo poderia causar à imagem de país moderno que o Brasil ansiava apresentar.

A educação ganhava novos impulsos sob a crença de que seria necessário educar o povo para que o país se desenvolvesse, assim como para participar politicamente, através do voto, que se daria por meio da incorporação da enorme massa de analfabetos.

(SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2006, p. 6).

O período correspondente à metade da década de 1950 e início da de 1960 caracterizou-se pela necessidade de formar eleitores que, pela Constituição vigente à época, deveriam ser alfabetizados para poder votar.

A década de 1960 ficou marcada positivamente pelo aparecimento de projetos e programas que valorizavam a educação popular. O educador Paulo Freire começou a desenvolver seu trabalho de alfabetização fundamentado em métodos e objetivos que buscavam adequar o trabalho à especificidade dos alunos. Começou a emergir a consciência de que alfabetizar adultos requeria o desenvolvimento de um trabalho pedagógico diferente daquele destinado às crianças nas escolas de cursos regulares. As necessidades e possibilidades daqueles educandos exigiam o desenvolvimento de propostas adequadas a elas. O caráter do método de Paulo Freire era explicitamente político, pois reconhecia a educação como ato político por excelência. Num primeiro momento, o governo de João Goulart encampou e propôs um Programa Nacional de Alfabetização fundamentado no então chamado “Método Paulo Freire”, mas a partir do golpe militar de 1964 procurou-se enterrar a proposta e sua lógica. Alguns dos principais movimentos surgidos nesse período foram: O Movimento de Cultura Popular, o Centro Popular de Cultura, o Movimento de Educação de Base, da CNBB; e o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que contava com a contribuição do professor Paulo Freire (DI PIERRO & HADDAD, 2000).

Art. 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”

Entretanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1971, era de caráter tecnicista, já a LDB de 1996 é mais humanista. O educando é visto enquanto protagonista no processo.

A modalidade de Educação destinada a jovens e adultos apresenta uma identidade que a diferencia da escolarização regular. Essa diferenciação não se dá apenas pela faixa etária, mas também na questão sócio histórico-cultural.

No processo de leitura, é exigido que o leitor interaja com o que lê revelando o que percebe, o que o comove, o que comprehende. Estes indicadores são substanciais sobre como o aluno da EJA se encontra, quais são suas experiências existenciais que não podemos ver, mas que são fundamentais e se revelam, paulatinamente, na exposição de sua leitura, uma vez que ele não se expõe abertamente acerca de suas vivências ou de seus dilemas.

Desde a fase de alfabetização na EJA, na qual é o professor quem faz a leitura dos textos literários, até a última etapa, em que o educando consegue identificar o gênero que mais lhe agrada, o leitor/ouvinte sabe, de antemão, não se tratar do mundo real, aquele que aparece nas narrativas. Mesmo assim, ele estabelece com o texto um pacto de confiança que deverá ser validado a cada página, mas quanto maior o caminho percorrido e referenciado, maior a experiência de realidade que faz. A “comoção”, o mover-se com a história, faz com que o leitor a viva e reelabore as situações que a trama propõe. Ele tem o privilégio de deparar-se com os impasses e acertos do outro como personagem, e oferece um espaço amplo de fuga ao sujeito-leitor paciente em relação à narrativa. Nessa perspectiva, propõe-se uma leitura literária que caminha para o encontro do leitor com seu próprio eu.

Dentro da literatura brasileira, é possível encontrar livros que retratam o que o aluno da EJA vivencia. Dentre essas obras, destaca-se o livro de Carolina Maria de Jesus (2013), *Quarto de Despejo*. O texto foi escrito na década de 50 e mostra problemas sociais de moradia, alimentação e atendimento médico como questões que, mesmo com a troca de governantes e sistemas governamentais, não foram solucionados. A leitura e posterior discussão desse livro possibilitam a percepção da realidade e da situação econômica em que o estudante da EJA está inserido. Para alguns, o contato com essa narrativa pode apenas ratificar sua condição, só que de maneira consciente. Para outros, ela pode servir como estímulo para buscar direitos e se tornar convededor dos deveres dentro da comunidade.

É importante destacar que a questão a ser discutida não é somente a literatura, mas sim as estratégias usadas ao longo do processo de alfabetização na EJA. Nessa modalidade de ensino, existem recorrentes práticas pedagógicas que infantilizam o educando e devem ser revistas. Apesar de haver uma quantidade considerável de materiais didáticos para um trabalho que atenda às especificidades do jovem e do adulto, ainda são utilizados materiais adequados à educação de crianças e adolescentes. Outra prática pedagógica recorrente na Educação para

Jovens e Adultos, adaptada da educação de crianças e adolescentes, é desconsiderar a autonomia do educando adulto e sua criticidade frente aos conteúdos programáticos selecionados para o curso. A linguagem usada pelos educadores deve também ser adequada à modalidade de ensino, visto que são muitos os problemas gerados pelo uso de palavras no diminutivo e consequente infantilização do educando. O hábito do dever de casa, utilizado no ensino regular como estratégia de fixação de conceitos, na EJA não condiz com a realidade dos educandos, que possuem muitas vezes uma rotina exaustiva, antes de ir para a sala de aula. O papel das experiências dos estudantes é primordial para a aprendizagem na modalidade da EJA. Faz-se necessária a busca de estratégias que atendem às necessidades específicas desse educando. (VICHESSI e DINIZ, 2009)

2.1. Conceito de literatura

Não há uma definição estabelecida acerca do conceito de literatura. Ela varia conforme o momento histórico e com as condições de recepção de seu material porque, embora a literatura seja basicamente composta por textos literários, ainda há inúmeras discussões acerca do que seria esse “texto” e de quais seriam seus meios de difusão.

Não é de hoje que os estudiosos vêm procurando conceituar a Literatura de um modo convincente e conclusivo. Porém, por mais esforços que tenham sido feitos, o problema continua aberto.

Apesar do potencial significativo oferecido pelas aulas de literatura, muitos professores limitam esses momentos a um compilado de cronologias, dados biográficos de autores e características dos estilos e das obras que os alunos devem simplesmente memorizar. No entanto, felizmente, essa situação tem passado por mudanças nos últimos anos. O conceito de letramento literário, que vai além da mera memorização das características dos períodos literários, ganha cada vez mais destaque na discussão sobre a linguagem, uma vez que é a literatura a responsável por “tornar o mundo comprehensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON; SOUZA, 2011, p. 102).

A literatura ensinada, mesmo partindo de dados mais factuais, pode proporcionar aos alunos o acesso a diversos temas importantes para sua formação.

Isso permite que eles (re)descubram e apreciem textos literários, independentemente de sua finalidade e da época em que foram escritos. Com uma orientação adequada, os estudantes podem situar essas obras no tempo e no espaço, tornando a experiência significativa. Ao estudar e ler textos literários, incluindo os considerados canônicos e escritos há muito tempo, o leitor tem a oportunidade de contextualizá-los com base em sua própria realidade, tornando-os relevantes para o presente. Isso ocorre porque a literatura se renova constantemente e traz novos ensinamentos a cada leitura, para cada indivíduo. Em outras palavras, a literatura atua no subconsciente do leitor, trazendo situações que levam à reavaliação de atitudes, fortalecimento pessoal e crescimento como ser humano.

É crucial incentivar e aprofundar cada vez mais o estudo de literatura nas escolas, visando desenvolver alunos proficientes na leitura. No entanto, para alcançar esse propósito, é importante conceber “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de experiência única com o texto literário” (ZILBERMAN, 2009, p. 16). Ao comparar com a realidade escolar, é possível perceber que, na maioria das vezes, os professores limitam-se a ensinar apenas o conteúdo básico da literatura, seguindo o cronograma estabelecido pela escola.

Nesse contexto escolar, surgem abordagens repetitivas, como “receitas escolares” que são seguidas ano após ano, sem trazer nada de novo ou estimulante para os alunos aos alunos. É claro que essas “receitas” são necessárias em algumas situações e nem todo conteúdo pode ser ensinado de maneira lúdica, pois há datas, características específicas de períodos literários e nomes de autores que precisam ser memorizados. É importante, também, garantir a qualidade do ensino, mesmo em relação a conteúdos aparentemente desinteressantes para os alunos. Isso ocorre porque os benefícios da literatura podem ser encontrados até mesmo em seus temas clássicos, e é a partir deles os estudantes podem descobrir sua paixão pela leitura.

A literatura desempenha um papel fundamental como patrimônio cultural, contribuindo para o desenvolvimento da educação, da sensibilidade, da imaginação, 8 do pensamento crítico, dos aspectos cognitivos e linguísticos. Além disso, a literatura proporciona acesso a diferentes formas de conhecimentos sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, como destacado por Guinski (2012, p. 28): “O

texto literário é um material de excelência pedagógica comprovada no ensino de cultura e língua materna e estrangeira". A leitura literária é essencial. A importância da literatura para os alunos de ensino médio para o desenvolvimento dos alunos do ensino médio, contribuindo para sua formação social e cultural. Ela abrange os mais diversos assuntos, como linguagem, emoção, sensibilidade e criticidade, de fundamental importância para os inúmeros métodos de aprendizagem.

Além disso, a leitura de Dom Quixote permite ao aluno desenvolver seu pensamento crítico, pois ele pode ser levado a concordar com a ironia de Cervantes, que desprezava as novelas de cavalaria, ou discordar, criando a sua própria opinião sobre o assunto. A obra proporciona um espaço para reflexão e discussão, incentivando o aluno a analisar diferentes perspectivas e a formar sua própria visão crítica.

Além disso, toda leitura literária tem o poder de humanizar, uma vez que apresenta situações fictícias que levam o leitor a estar alerta e reflexivo. Mesmo distante de sua realidade, o leitor é capaz de refletir sobre seu cotidiano e as condições sociais que o cercam. Conforme afirma Cândido (1972, p. 807), "O processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a Mariana Souza Lemos e Gladisson Silva da Costa, aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo". Nesse sentido, a literatura possibilita ao aluno o contato com diferentes culturas, o que o leva a compreender seu papel como sujeito crítico e ativo na sociedade.

Transformar uma simples leitura em algo maior e melhor pode se tornar possível à medida que os ambientes escolares e os docentes proporcionem ideias criativas de leitura a seus estudantes. A necessidade de organização com o trabalho educativo é imprescindível e de grande relevância quando o aluno não usufrui de um contato familiar e íntimo com as práticas de leitura, portanto, cabe à escola o dever de ofertar ao educando instrumentos de qualidade, exemplos de ótimos leitores e práticas de leitura que sejam eficientes. A essa perspectiva, os PCNs salientam quanto à preparação nas tarefas educativas, a fim de que estas possam ser vivenciadas e praticadas no espaço escolar, sobretudo, quando o corpo estudantil traz consigo um contexto improdutivo da leitura.

É preciso organizar o trabalho educativo para experimentarem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com

bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes, PCNs (1997, p.41-42)

Sabe-se que a escola é um dos principais locais destinados à formação de leitores, conforme destacam os PCNs acima, mas em se tratando de um tema abrangente como a leitura, pode-se convir que a mesma não pode estar limitada tão somente às estruturas escolares. A temática abrangente da leitura pode permitir que espaços extraescolares também comecem a ganhar evidências e venham a se tornar referências quanto à prática desta. A utilização de parques, praças públicas, hospitais, bibliotecas públicas, espaços recreativos, igreja, enfim uma infinidade de ambientes como os que foram citados, podem ser utilizados como mediadores às possíveis práticas de leitura. De acordo com Larovere e Peres (2015, p.02) “as experiências de leitura podem ocorrer em diferentes contextos, por meio dos mais variados suportes de leitura”. Essa variedade de espaços extraescolares para o desenvolvimento da leitura é necessária e importante para haver maior interação e desenvolvimento da temática no meio social, descartando a ideia de leitura limitada aos ambientes educacionais. Ao ter a opção de 12 espaços, pessoas capacitadas e com empenho, os novos leitores podem ser conquistados e um trabalho positivo poderá acontecer.

2.2. Conceito de EJA

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil, cabe aqui ressaltar, surgiu como alternativa à qualificação de mão de obra, com vistas ao atendimento da demanda industrial, onde sua principal função era a de formar indivíduos que agissem como “máquinas”, sem nenhum senso crítico. Nesse período, a única proposta de educação que formasse cidadãos críticos foi desenvolvida pelo educador Paulo Freire, dilacerada pelo regime militar. Inúmeros programas de EJA educação de jovens e adultos, após a experiência freireana foram desenvolvidos, mas não eram valorizados por parte dos governantes, pois a esses importava a formação de mão de obra e não o conhecimento adquirido.

Para Freire, a educação deveria corresponder à formação plena do ser humano, denominada por ele de preparação para a vida, com formação de valores,

atrelados a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária:

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito, dos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2002, p.193)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto modalidade de ensino, apresenta uma trajetória de desafios, principalmente por ser considerada por alguns uma alternativa para minimizar o problema social no país. Porém, essa modalidade, durante grande período, não era considerada prioridade educacional, sendo rotulada como política compensatória para suprir a perda de escolaridade em idade própria.

Identificada como a educação dos “carentes, marginalizados e excluídos”, as propostas de EJA assimilaram por muito tempo o papel de “educação mínima” direcionada àqueles com “possibilidades também precárias de desenvolvimento e aprendizagem”. A superação dos preconceitos e o reconhecimento dos jovens e adultos pouco escolarizados como sujeitos de aprendizagem, produtores e disseminadores de conhecimentos é um ponto de partida importante para avançarmos em direção a uma EJA adequada às demandas específicas de articulação e construção de novos saberes significativos para educadores e educandos, demandas estas que se expandem para a satisfação de necessidades básicas (e não mínimas) de aprendizagem; básicas porque consideram as especificidades dos grupos, a diversidade de experiências dos indivíduos e dos coletivos (FUNDAÇÃO VALE 2014, p.14).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei 9.394/96, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade de ensino, que tem por objetivo oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou médio nas idades apropriadas por motivos diversos. Salientando que, embora as iniciativas políticas voltadas para essa modalidade sejam antigas, somente em 1996 ocorre a aprovação para integrar a Educação de Jovens e Adultos na LDB.

Desse modo, percebemos que além de ser uma política educacional, a EJA é principalmente uma política social, promovendo a escolarização e consequentemente viabilizando aos alunos melhorem oportunidades de trabalho, melhor qualidade de vida e com isso sejam respeitados na sociedade. Essa

definição da EJA nos esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui.

Segundo GADOTTI e ROMÃO (2007), o conceito de Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem mudando no decorrer da História da educação do nosso país, mudando sua significância a partir do contexto histórico da época. Assim, em julho de 1997, realizou-se em Hamburgo, a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confintea V), aprovando a “Declaração de Hamburgo” entendendo a Educação de Adultos como um direito de todos e destacando a importância de considerar diferentes necessidades e especificidades dos sujeitos atendidos por essa modalidade de ensino. Essa Declaração destacou a importância da diversidade cultural, trazendo para a EJA temas como: a cultura da paz, da educação para a cidadania, desenvolvimento sustentável, a educação de gênero, a educação indígena, das minorias, a terceira idade, a educação para o trabalho, o papel dos meios de comunicação e a parceria entre Estado e sociedade civil.

[...] Engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. (CONFINTEA V, 1997)

O Parecer CNE/CEB 11/2000 – homologado pelo Ministro da Educação em 07 de julho de 2000 –, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, normatizando a educação de pessoas jovens e adultas em todas as suas modalidades, definindo diretrizes nacionais que devem, obrigatoriamente, ser observada na oferta da EJA, nas etapas fundamental e média, nas formas presencial e semipresencial, com a certificação de conclusão de etapas da educação básica, em instituições que integrem a organização da educação nacional, considerando o caráter próprio desta modalidade de educação.

Portanto, cabe à escola formar leitores que consigam reconhecer as particularidades, a beleza, a profundidade e a grandeza das construções literárias. Para isso, é preciso influenciar o aluno a buscar por sua identidade, apresentando a literatura como uma ferramenta que lhe permite se comunicar com o mundo ao seu redor e encontrar a liberdade que tanto almeja.

A leitura proporciona uma infinidade de conhecimentos, alimenta a inteligência tanto objetiva quanto subjetiva, proporciona prazer e liberta o leitor de

seu estado de inércia. Além disso, “A leitura pode ser considerada como uma ferramenta capaz de enriquecer não apenas os conhecimentos do leitor, mas seu cotidiano, sua vida.” (GUINSKI, 2012, p. 97). Por essa razão, conceder e ensinar o contato com a leitura é, na verdade, uma responsabilidade para a formação dos adultos do futuro. De modo geral, o hábito da leitura pode trazer diversos benefícios para os alunos de ensino médio, tais como: habilidade de interpretar textos, melhoria da capacidade cognitiva para compreensão e organização de ideias, enriquecimento do vocabulário, desenvolvimento do pensamento crítico, capacidade de argumentação e conhecimento de diferentes visões de mundo.

Em relação aos conteúdos e propostas curriculares, deve-se ressaltar orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para os anos do ensino fundamental e para o ensino médio. Que são medidas que irão proporcionar elementos que propiciam a elaboração e implementação de propostas curriculares adequadas às especificidades dos alunos dessa modalidade de ensino.

O ensino presencial pode ser oferecido durante todo o ano correspondido com o ensino regular, focado em metodologias diferenciadas, podendo também ser oferecido semestralmente sendo que cada semestre corresponde a um ano.

O ensino semi-presencial pode ser oferecido de diversas formas, avaliado em exames supletivos e estudos modulares, e o ensino a distância (o não presencial) a presença não é obrigatória .

A educação de jovens e adultos é um direito obrigatório garantido por lei, considerando as experiências não-formais, que inclui no currículo vivências e práticas, de forma a permitir a interação e o diálogo entre os educandos.

O conceito de educação de jovens e adultos vai se movendo na direção ao de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer exigência à sensibilidade e a competência científica dos educadores e educadoras. Uma dessas exigências tem a ver com a compreensão crítica dos educadores de que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular (GADOTTI, 2003).

Paulo Freire precursor da educação de jovens e adultos defende que o conhecimento através da educação é instrumento do homem sobre o mundo, toda essa ação produz mudança, portanto não é um ato neutro, mas o do ato de educar é um ato político .

3. A literatura literária na EJA

Iser traz uma reflexão acerca da obra literária, ao expor que a “obra literária se realiza na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor”. Essa participação do leitor para a construção do sentido do texto reitera o que Iser já propunha quanto à leitura dos textos literários, declarando que essa leitura ativa processos de realização de sentido. A qualidade estética dos textos se encontra na estrutura de realização, “pois sem a participação do leitor não se constitui o sentido”. (1996, p. 50)

É fundamental, a partir desse desdobramento entre obra literária e leitor, conhecermos o “horizonte de expectativas” do leitor diante da obra analisada. O horizonte de expectativas pode se compreendido as experiências sociais vivenciadas durante a vida, os códigos existentes para que um leitor reconheça e acolha uma obra relacionando-a a situações culturais de uma época, explorando as relações entre a obra e seus leitores, Jauss (1994, p.25) ainda esclarece:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.

Enquanto Jouve (2002, p.44) argumenta que, quando acontece a leitura de um texto, a maneira como esse texto se constitui é a mesma para todos os leitores; “é a relação com o sentido que, num segundo momento, explica a parte subjetiva da recepção.” Essa ideia dialoga diretamente com as concepções trazidas por Iser, o leitor incorpora as orientações internas do texto para que, deste modo, ele seja recebido.

Em consonância com as contribuições de Jauss, podemos observar alguns pontos relacionados à metodologia empregada para a leitura dos textos literários e sua recepção na sala de aula. Quanto a esses aspectos, Rouxel (2014) expõe procedimentos para se alcançar a competência estética. Primeiramente, a autora

destaca a importância da leitura silenciosa tanto na sala de aula quanto fora dela, para que deste modo se consiga impregnar livremente pela obra, sendo a leitura desfrutada paulatinamente. A autora destaca entre as práticas desenvolvidas atualmente em sala de aula o uso dos diários e cadernos de leitura. Roxel (2014, p. 26) reconhece que tais procedimentos:

Permitem observar o ato da leitura, captar as reações, as interrogações dos leitores ao longo do texto, identificar as passagens sobre as quais eles se detêm, que eles às vezes grifam para guardar o termo destacado. Esses escritos possibilitam vislumbrar como a personalidade do leitor se constrói no espelho do texto: os julgamentos axiológicos sobre os discursos ou a ação das personagens, as hesitações e as interrogações sobre a maneira de apreciar o mundo ficcional ou a qualidade da escrita testemunham essa construção identitária.

Compreende-se que alunos da EJA, necessita que as metodologias sejam direcionadas de forma que condiz com as realidades dos mesmos, pois já trazem de seus convívios uma gama de informações que certamente irá favorecer a aprendizagem e a contextualização dos assuntos abordados com o mundo que o cerca.

No que diz respeito ao aspecto da afetividade em EJA, Gazoli e Leite (2011, p. 07) explicitam que:

Paulo Freire, que representa um marco para a EJA em termos de concepção político-prática. FREIRE (1975) afirma a necessidade do educador (re)educar –se para atuar ao lado dos oprimidos e a seu favor. Cabe ao professor auxiliar o aluno no seu processo de conscientização (conscientização política de se saber e se fazer cidadão de direitos, investido de sua cultura) através de um procedimento pedagógico centrado na problematização da sociedade, sendo um mediador democrático, optando metodologicamente pelo diálogo que aproxima professor e aluno como sujeitos que aprendem mutuamente. Esta proposta traz para os professores a necessidade de terem visão e postura diferentes perante os alunos, despídas de preconceito e marcadas pelo compromisso político. (apud GAZOLI; LEITE, 2011, p.07).

O grande precursor pontua a importância dos conteúdos trabalhados e a relação integrada entre Professor e aluno, os quais precisam articular temas relevantes que condizem com a realidade e as políticas públicas da sociedade, a qual faz parte das problematizações diárias, que necessitam ser discutidas.

Santos e Yamakawa (2017) explicam que para o desenvolvimento do ensino de literatura, três elementos são fundamentais ao ato de ler: os livros (bibliotecas, escolas, salas de aula), os mediadores (professores, bibliotecários, pedagogos, pais

e todos os que incentivam o hábito da leitura dentro ou fora da escola) e o educando.

Enfatizam que para garantir aos educandos o direito à cultura letrada, o governo federal tem como umas de suas políticas públicas a distribuição de acervos literários a todas as escolas públicas, porém essa ação ainda se mostra insuficiente, pois muitas escolas não promovem a socialização dos livros entre Professores e alunos.

E analisando este ponto, a atividade de mediação na leitura é impossível quando os livros permanecem arquivados, embalados, guardados em armários ou em bibliotecas fechadas, pois todas essas ações são contrárias ao que recomenda Paiva:

Afirmamos, entretanto, que a execução das políticas de acesso ao livro é vital para a composição dos acervos de bibliotecas escolares e um dos mecanismos mais eficazes para a democratização da leitura. A primeira garantia que se deve ter, portanto, é a de acesso; a possibilidade de o aluno poder olhar e manusear esse objeto, complementada, e não menos importante, pela constituição de espaços literários (bibliotecas bem organizadas e equipadas com acervos atualizados e de qualidade) e pela qualificação do mediador dessa formação literária que, no espaço escolar, define-se prioritariamente por bibliotecários, auxiliares de biblioteca e de professores (2012, p.20)

É de suma importância que todos os alunos tenham acesso a livros atualizados e além disso que tenham acompanhamento de pessoas capacitadas para auxiliá-los no tocante à leitura literária, sendo tanto a leitura não literária quanto a literária, apesar de serem distintas, são indissociáveis, devido ambas se complementarem.

Rouxel (2014, p.20) expõe alguns aspectos metodológicos que podem ser relevantes quando se fala em ensino de literatura, a autora revela que é necessário definir a finalidade desse ensino. Seja a formação de um sujeito leitor, seja a formação de uma personalidade sensível e inteligente. Tendo a finalidade definida, Rouxel (2014, p.21-22) direciona o que é necessário para se alcançar esse fim. Destaque para alguns “saberes” para instituir o aluno como sujeito leitor: “os saberes sobre os textos”; “os saberes sobre si” e “os saberes sobre o ato léxico ou saberes metaléxicos”, o primeiro sugere um conhecimento de gêneros diversos e o funcionamento dos discursos, o segundo refere-se à uma posição ou opinião pessoal, um julgamento de gosto do leitor e o terceiro remete-se aos “limites” da

interpretação do leitor, assegurando um equilíbrio sobre o que o texto revela e o que é compreendido pelo leitor. Rouxel (2014, p.24) reforça outra perspectiva sobre a literatura:

A literatura lida em sala convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorre da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão em ato na leitura.

Em consonância, Rezende (2013, p.108) sugere que a leitura literária está relacionada também aos interesses, ideologias, proficiências do leitor. Expõe que “pode-se ler para ‘fugir da realidade’, para ‘ler uma boa história e passar o tempo’, mas também para ‘viajar para outros lugares imaginariamente’ (...) conhecer outras experiências, aprender com elas, num processo de identidade e alteridade”. É importante considerar as individualidades de cada leitor, fazendo com que esse ganhe espaço no processo de construção do texto literário.

Enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p.52) observam que a literatura é vista “como meio de educação da sensibilidade; como meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico”. Tendo em vista essa visão, atentamos para necessária função estética dos textos literários, que deve ser estimulada no quotidiano da sala de aula. O trabalho com a literatura não pode ser vista apenas como atividade lúdica, deve ser encarada e exercida no ambiente escolar como apropriação, ou seja, participação efetiva do leitor na concretização do conhecimento e construção dos significados, observando sempre o caráter polissêmico dos textos literários.

É perceptível tal argumento quando observamos em sala da aula os alunos se questionando em relação ao texto, relacionando determinada situação apresentada na leitura ao contexto no qual eles estão inseridos. Para Guimarães (2014, p.65) “na relação do leitor com o texto, há uma entrega ao universo proposto pela obra, embora isso não signifique o esquecimento de si, antes as experiências pessoais ancoram esse novo mundo aberto pelo texto, num processo de mútua compreensão.”

Cosson reforça a ideia sobre o peso que a literatura tem no que se refere às “possibilidades múltiplas de construir nossas identidades.” Expõe ainda “não

bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos". Cosson (2014, p. 50). É importante que pensemos nesses sujeitos e o que o texto literário pode representar para suas vidas, pois a partir do momento que enxergamos o público da EJA como ser atuante dentro do processo de compreensão do texto literário, pode-se considerá-los ativos e não meros apreciadores da literatura.

Ser leitor na perspectiva literária é estar em condições de interpretar, compreender, construir significados e refletir sobre o material lido, a partir do envolvimento com as práticas sociais e à vida cotidiana. Nesse sentido, Kleiman (2002, p.12.) lembra: "É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar".

Relacionando-se a leitura ao desenvolvimento intelectual e social do educando, enfocamos o pensamento de Freire (1992, p. 41): "A educação de jovens e adultos deve ser repensada como um processo permanente, devendo ter a leitura crítico-transformadora, contrário à leitura de caráter memorístico".

Na ótica dos estudos a respeito da literatura, Zilberman e Silva (2008), comprehende que compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já construído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

Nessa perspectiva, a literatura tem por objetivo, não somente relacionar símbolos escritos, mas também centralizar-se nos aspectos individuais e sociais do indivíduo.

Perissé (2006, p.08) reflete sobre as práticas literárias, atentando para que: A palavra cria mundos, é ativa e ativadora. Com a palavra criamos o passado, o presente e o futuro. A palavra tem o poder de "arrumar", "organizar" nossa percepção e expressá-la. A palavra dá forma à realidade. Confere realidade à realidade.

Entende-se que, por esse viés, a ausência, tanto quanto a presença da literatura em uma sociedade, são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo,

como causa e consequência de transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Pode-se notar quando se ouve alunos da EJA, que procuraram a escola com o sonho de adquirir habilidade de leitura e ter, sob essa habilidade, a possibilidade de reclamar por condições mais dignas de vida. Portanto, é perceptível através dessa reivindicação a consciência de que aprender a ler, se não é condição essencial para o direito à cidadania, a leitura literária constitui-se como recurso auxiliar para tal fim. Nesse estágio, nota-se a relação de natureza crítica que se estabelece entre o ensino de literatura e a educação de jovens e adultos. Conforme proclamada por diversos estudos, a exemplificação de Pound (2006, p. 36), ao enfatizar que: A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores.

Para Zilberman e Silva (2008), a literatura representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Em termos sociais mais amplos, a fruição da obra literária cria o desejo de reconstruir, de um lado o imaginário, dando força e suporte ao trabalho de reconstrução; de outro a consciência intuitiva, analisada em benefício da visão crítica, o real informado pelo escritor é concebido como o somatório das práticas cotidianas.

Pensando assim, entende-se que todo leitor possui um conjunto de leituras já feitas, que podem configurar, em parte, a comprehensibilidade de um texto literário. Queremos priorizar aqui a educação de jovens e adultos, uma vez que essa busca eleva a competência social e intelectual do homem de baixa renda.

Mortatti (2001) acrescenta que a escola exclui de seu espaço que o aluno convive no cotidiano com diferentes formas de linguagem. A escola, em geral, trabalha com um problema grave para o educando: utiliza a literatura e a leitura adaptadas por um efeito retórico às necessidades educacionais, ou seja, pensa o trabalho com o texto apenas como um conjunto de códigos. Enfatizando assim, questões ligadas ao fracasso da escola na formação do gosto pela literatura, como leitura crítica e prazer da leitura.

3.1 Projetos e experiências na EJA

Durante a realização da leitura de qualquer livro, é essencial que o professor se certifique de que o aluno soube reconhecer o significado das palavras do texto,

compreendeu a temática da obra e soube interpretar e armazenar o conhecimento adquirido. Segundo Guinski (2012, p. 96) “[...] o aluno deve ser orientado pelo docente a buscar todas as respostas possíveis e impossíveis em uma obra”. Para que isso seja possível, é imprescindível que o docente seja um verdadeiro amante da literatura e tenha o hábito da leitura. Para demonstrar aos seus alunos que ler é prazeroso e gratificante, o professor não deve impor uma leitura, mas sim valorizá-la aos olhos dos alunos (GUINSKI, 2012). A verdadeira mudança na sociedade deve acontecer primeiro nas escolas, partindo não dos alunos, mas dos mestres, ou seja, daqueles que são os influenciadores.

Para Quadros, Dias e Hilgemberg (2020, p. 40) “ler implica em compreender, emocionar-se, convencer, conhecer, estabelecer relações, refletir, criticar, argumentar e estabelecer sentidos”. É fundamental que os alunos compreendam a importância da leitura que os alunos devem ter, o que só acontecerá por meio do exemplo de um professor leitor. Além disso, é importante destacar que o letramento literário é um processo em constante evolução, o que implica que o leitor de literatura está em contínua formação (DIAS; HILGEMBERG; QUADROS, 2020).

Assim, não existe um leitor pronto, completo ou ideal. Todos estão em constante processo de aprendizado e aperfeiçoamento, pois a literatura é vasta e grandiosa, o que proporciona aos leitores uma nova história e um novo ensinamento a cada leitura. O percurso do leitor é como uma escada sem fim, composta por degraus que sempre levarão a textos mais complexos, desafiadores e com ideias inovadoras. Nunca haverá um leitor capaz de absorver tudo o que a leitura pode proporcionar. Sempre haverá mais a explorar. E é exatamente para isso que os 11 alunos do ensino médio devem ser preparados, para uma busca contínua pela literatura. Pois o que importa não são apenas os livros que eles precisarão ler para o vestibular, mas sim todos os livros que eles irão ler ao longo da vida, contribuindo para sua formação e enriquecimento pessoal.

Muito se discute sobre o impacto que a tecnologia tem sobre os jovens e adolescentes. Geralmente, essa influência digital é vista de forma negativa, como algo que afasta os alunos da leitura e dos estudos. Isso ocorre porque as informações disponíveis na internet podem ser obtidas facilmente, sem exigir uma leitura extensa ou até mesmo interpretação. Além disso, a tecnologia desvia facilmente a atenção dos jovens para atividades como redes sociais, jogos e outras

atividades de entretenimento superficial, que, quando em excesso, prejudicam o desenvolvimento intelectual, pois não contribuem para o aprendizado significativo.

No entanto, é impossível afastar o aluno da tecnologia, visto que ela já faz parte do dia a dia de todas as pessoas. É importante, assim, adaptar os métodos de leitura e aprendizagem às novas ferramentas tecnológicas, pois “em decorrência da facilidade propiciada pela tecnologia, é possível fazer múltiplas e simultâneas ligações entre diversos textos e diversos contextos” (GUINSKI, 2012, p. 76). No entanto, é importante lembrar que, apesar dos avanços tecnológicos, o livro continua sendo o primeiro contato real que os alunos têm com a leitura, e o professor continua sendo o principal ponto de ligação entre a literatura e a escola. Por isso, a tecnologia deve ser utilizada como uma ferramenta de apoio para o ensino, e não como um único mecanismo de educação.

Com os avanços tecnológicos e a agilidade na obtenção de informações, a leitura tornou-se superficial. Os alunos têm acesso a resumos de obras com extrema facilidade, o que dificulta para os professores saberem se os alunos realmente leram o livro. Isso resulta em uma falha no sistema de ensino, em que o professor acredita que está ensinando, enquanto o aluno acredita que está aprendendo. Portanto, é essencial que os educadores desenvolvam métodos de leitura que despertam a curiosidade dos alunos e os façam sentir prazer ao lerem um bom livro. Para que a leitura se torne algo positivo, e não uma obrigação, os professores devem incentivar os alunos a descobrirem os estilos literários que mais lhes agradam, permitindo que eles escolham o que desejam ler, para lerem com interesse.

[...] podemos dizer que o hipertexto, relacionado com a literatura, propicia maior rapidez na divulgação dos textos, bem como alcança um maior número de leitores. Auxilia no resgate de obras antigas e que não são mais publicadas (GUINSKI, 2012, p. 76).

Sendo assim, os professores podem aproveitar os recursos tecnológicos para apresentar aos alunos as diversas possibilidades de leitura, como o fácil acesso a novas obras, participação em grupos nas redes sociais com temas literários, projetos de leitura, entre outros. No entanto, é importante que os leitores, nesse caso, os alunos, estejam atentos para não se contentarem apenas com resumos e comentários, mas sim buscarem a obra completa (GUINSKI, 2012). Apesar de reconhecermos que a tecnologia é uma valiosa aliada do ensino da literatura e os

alunos são nativos digitais, não podemos ignorar as dificuldades presentes nas escolas, como o acesso limitado à internet, o número reduzido de computadores, proibição do uso dos celulares, falta de capacitação adequada aos professores, entre outros obstáculos.

4. METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho, utilizou-se o método de pesquisa exploratória, que tem por finalidade construir uma familiarização com a problemática abordada. Esse método é baseado em uma revisão bibliográfica inicial, considerado o primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com a finalidade de revisar a literatura existente e evitar a redundância do tema de estudo ou experimentação (MACEDO, 1994). Adicionalmente, a pesquisa bibliográfica também é uma pesquisa inicial que dá suporte para outras possibilidades que surgem dentro da temática proposta. Esse tipo de pesquisa explica os problemas a partir da bibliografia já existente, sendo importante para o aprofundamento da pesquisa.

Segundo Gil (2007, p.17), a pesquisa é definida como: (...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão de resultados.

Com o desejo de conhecer a modalidade de ensino EJA-educação de jovens e adultos, além do conhecimento já adquirido na graduação, essa pesquisa tem como objetivo aprofundar o conhecimento nos estudos do educador Paulo Freire, conhecer a metodologia aplicada na atualidade, a vivência e os alunos freqüentadores da EJA, assim como os profissionais que atuam com essa modalidade de ensino. O alcance desses objetivos levou a produzir uma pesquisa qualitativa, com observação, entrevista e questionários, confrontando com estudos bibliográficos.

Para situar a ação metodológica, apoia-se em [André \(2008\)](#), para quem o pesquisador necessita ter precisão em relação aos modos de fazer científico, sem que aspectos subjetivos prejudiquem a análise dos dados coletados nas leituras, buscando estudá-los com atenção ao distanciamento. Assim sendo, para a autora, essa exigência do afastamento objetiva preservar o rigor exigido pelo conhecimento

científico. Nessa direção, ela sinaliza para o papel da teoria na pesquisa direcionada aos estudos etnográficos do campo da educação, bem como adverte que as linhas de trabalho devem atestar o conhecimento verídico e correspondente à prática escolar investigada, pontuando novas dimensões

Esta pesquisa, portanto, remete ao desafio posto à educação escolar nos moldes da interculturalidade, tendo em vista que, conforme Candau (2008), trata-se de sujeitos que estão inseridos em grupos sociais culturais plurais. Acredita-se que o ensino deve buscar o diálogo com os diferentes sujeitos sociais que frequentam a escola básica, com vistas ao exercício da cidadania e de uma sociedade constituída de pessoas capazes de dialogar com as diferentes culturas .

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre o ensino do letramento literário mostraram que existem diversas possibilidades de se ensinar literatura de uma maneira que toque o aluno. Cosson apresenta em sua obra Letramento literário: teoria e prática, várias maneiras de trabalhar com sequências didáticas simples, porém, cheias de elementos que direcionam os professores, que apontam caminhos possíveis, práticos e que podem ser adequados às diferentes realidades de escola e turmas.

Pelo fato de a Educação de Jovens e Adultos emergir de lacunas do sistema educacional regular (processo de escolarização) e compreender um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais, é importante o seguinte destaque:

Muitos destes processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemático fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio socioculturais e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com o concurso dos meios de informação e comunicação a distância. (HADDAD; DI PIERRO, 2001, p. 4)

Com base nesse contexto, defendemos que a literatura é um bem cultural a que os alunos de EJA devem ter direito de maneira igual aos das modalidades e níveis de ensino diversos. Desse modo, entende-se a leitura literária como uma dimensão significativa da cultura, algo que nos instiga, que é capaz de mexer com nosso íntimo, de nos remeter a lembranças, nos fazer refletir, repensar a realidade e nos “tirar do lugar comum”, projetando futuros possíveis.

É muito importante destacar que o professor precisa estar atento ao seu papel como mediador. Não basta ter uma excelente sequência didática, é preciso compreender as realidades dos seus alunos minimamente, para inclusive pensar na escolha da obra que será estudada. É preciso ter um olhar muito especial, principalmente neste caso de estudantes da educação de jovens e adultos.

Segundo Roland Barthes (2013), a literatura é um monumento cultural capaz de abranger todas as áreas do saber humano. Logo, os cidadãos e estudantes da modalidade EJA, devem ser contemplados com aulas de literaturas que, de preferência, sejam abordadas por textos que façam sentido em seu dia a dia. Sem esquecer do olhar atento dos professores para esta turma rica em saberes de vida, agregando assim, cada vez mais, ensinamentos que possam enriquecer e ajudá-lo no seu dia a dia, tornando-os cada vez mais cidadãos críticos através da leitura literária, ou seja, serem leitores que compreendem as entrelinhas da subjetividade.

A reflexão que fica deste trabalho é que não existe um jeito certo, que é preciso ser corajoso e tentar várias maneiras, ou seja, é preciso praticar o que está na teoria, respeitando as turmas, fazendo adequações de acordo com cada contexto de sala de aula.

Existe uma coisa muito bonita da EJA, que são as inúmeras possibilidades que os professores têm de aprender com os alunos, que carregam consigo a grande bagagem de saberes de vida, em que muitas vezes se viram em situações difíceis no dia a dia por saber ler, mas que criaram suas próprias artimanhas para resolver suas questões cotidianas.

Sendo assim, esta conclusão é para refletir que existem muitas possibilidades de trabalhar literatura e letramento literário, também na Educação de Jovens e Adultos, pensando que a leitura literária tem o poder de fazer resgates históricos e fazer um paralelo com o ensino e nosso momento atual e contemporâneo.

Por fim, compreendemos também a importância fundamental do educador/a nesses processos, operando como um transformador social, que inspira sonhos e metas. Atua como mediador/a entre os conteúdos e os sujeitos.

Diante disso, acreditamos que é possível desenvolver a leitura literária na EJA, explorando-a de maneira coerente com a sua estatura humanizadora, criativa e artística

6. REFERÊNCIAS

BRAGA, R. **200 Crônicas Escolhidas**. Rio de janeiro, 2009 p. 319.

BRASIL Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: resumo técnico/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: O Instituto, 2014. 39 p. tab. Disponível em: < <http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4336#> >. Acesso em: 22 jun. 2016.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua portuguesa, v.2. Brasília, Secretaria de Educação fundamental, 1997.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Seção V - Da Educação de Jovens e adultos. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/> >. Acesso em: 15 nov. 2015.

CÂNDIDO A. **O Direito à Literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades/Ouro sobre Azul; 2004 p.169-91, p. 262-263 (Trabalho publicado originalmente em 1988).

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo : Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **A voz da esposa**: A trajetória de Paulo Freire. In:

FREIRE, P. **Conscientização teoria e prática de libertação**. São Paulo. Cortez e Morais, 1979

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo. Cortez: instituto Paulo Freire 1996, p.69-115.

GUIMARÃES, Kalina Naro. Leituras, escolhas e procedimentos de ensino: Reflexões sobre a formação do professor e do leitor de literatura.In: ALVES, José Hélder Pinheiro. **Memórias da Borborema 4**: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. *E-book*